

95. Tive que orientar muito meu povo

Jeilso Orlando Batista

Me chamo Jeilso Orlando Batista, sou indígena, meu povo é o povo Palikur-Arukwayene, meu clã é *wakavuyene*, tenho 25 anos, moro na Aldeia Kumenê, atualmente sou Agente Indígena de Saúde (AIS). Eu fui capacitado como microscopista do DSEI-Norte do Pará para examinar lâmina e dar diagnóstico de malária vivax ou falciparum, entre outras doenças. Eu fui capacitado para ajudar meu povo Palikur. Em 2020 ouvimos falar de uma doença mais perigosa, ouvimos falar pelas notícias da TV, do *WhatsApp* e Facebook.

Eu fiquei muito assustado com o meu povo Palikur, porque é muita dificuldade para ele usar máscara. Nós, do Pólo Base Kumenê, pensamos em como orientar nosso povo Palikur sobre essa doença, o coronavírus. Vieram profissionais para me orientar, enquanto Agente de Saúde, e também os outros que trabalham no Pólo Base Kumenê.

Eu tive que orientar muito meu povo Palikur, orientar como se proteger, orientar a usar máscaras e a lavar bem as mãos. Orientei a não sair da aldeia, disse para ficar em isolamento na aldeia. Eu tenho muita preocupação com as crianças, os idosos, hipertensos e diabéticos. Eu fui falar com o cacique para ele fazer reunião com a comunidade, para todos ficarem em isolamento um mês. Como meu povo Palikur é resistente, eles foram reclamar com o cacique, eles queriam ir comprar alimentos para a família deles na cidade. Assim, quando percebemos, o vírus já estava na comunidade.

Eu me preocupei muito com minha família! Depois de uma semana minha mãe pegou o coronavírus, meu pai também pegou coronavírus. Eu conversei muito com minha família, meu irmão e minha irmã para usar as máscaras e lavar as mãos. Eu fiz remédios caseiros para meus pais e deu certo, minha mãe e meu pai melhoraram muito.

Aí as pessoas de fora vieram ajudar a gente por causa do coronavírus, médico e enfermeiros vieram aqui na aldeia fazer uma ação. Eram quinze pessoas, pessoas brancas que vieram ajudar a gente por causa do coronavírus. Ficamos alertas na aldeia, ficamos alertas para identificar os pacientes, quem estava com o vírus. Andamos pela Aldeia Kumenê um mês, dois meses, nós andamos sem parar para atender os doentes. Junto com os outros profissionais do Pólo Base Kumenê, nós descobrimos que mais de 90% das pessoas da Aldeia

Kumenê foram infectadas. São muitas pessoas! Aqui nós ficamos com o enfermeiro, o médico e os agentes de saúde em alerta, principalmente em relação aos idosos, diabéticos, gestantes e crianças.

Eu e meus parceiros de trabalho reforçamos muito o atendimento à comunidade, passamos a fazer mais visitas nas casas. Visitamos mais idosos, diabéticos e hipertensos, também visitamos as aldeias próximas, que também foram infectadas pelo coronavírus. Meu povo Palikur fez remédios caseiros, também usamos no Pólo Base Kumenê dipirona, paracetamol e azitromicina. Agradeço a Deus porque não tivemos muitas mortes, Deus abençoou o povo Palikur e estamos conseguindo vencer essa doença. Essa é a minha palavra que deixo para vocês.

Aldeia Kumenê, Oiapoque, Amapá, Brasil

23 de agosto de 2020

Relato recebido em áudio e transcrito por Elissandra Barros